

## Comentário ao livro *Paisagens Urbanas*

Tamy de Macedo Pimenta (UFF/FAPERJ)

PEIXOTO, Nelson Brissac. *Paisagens urbanas*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1996.

*Paisagens Urbanas* é uma reflexão sobre as relações entre cidade e arte, esta última englobando desde a pintura até o cinema e a arquitetura. O livro foi publicado em 1996 por Nelson Brissac Peixoto como um produto dos estudos de seu projeto *Arte/Cidade*. Peixoto é doutor em Filosofia pela Universidade de Paris - I e atualmente leciona no Departamento de Comunicação e Semiótica da PUC-SP.

Dividido em dez capítulos, o livro nos permite buscar entender a paisagem urbana contemporânea através de suas manifestações na pintura, escultura, fotografia, cinema, literatura e arquitetura. Assim, é através das obras de Godard, Baudelaire, Benjamin, Marco Giannotti, Evgen Bavcar, dentre outros, que Peixoto tenta redescobrir a cidade através das paisagens.

A cidade é encarada como um caleidoscópio, na medida em que esta exige uma reorganização da visão através de um novo tipo de espectador, inaugurado pelo *flâneur*. Não existe mais um olhar contemplativo, “Não há visibilidade imediata” (p.127): A paisagem urbana é construída através de uma visão móvel e múltipla, adquirida por um movimento constante e acelerado do espectador, já que é impossível ter uma visão conjunta da totalidade. A própria cidade está todo o tempo em transformação, sua modernidade aponta para sua ruína, na medida em que tudo é derrubado, substituído e reconstruído. Assim, a paisagem da *urbe* é formada por vários pontos de vista, perspectivas e linguagens sobrepostas, observadas simultaneamente e em grande velocidade, pois “O olhar contemporâneo não tem mais tempo” (p. 179).

As obras de arte analisadas ou apontam para essa atmosfera vertiginosa da cidade, como no caso das fotografias de Lee Friedlander retratando monumentos históricos dos Estados Unidos que no meio de prédios, *outdoors* e feios elétricos perderam toda a monumentalidade; ou nos obrigam a retroceder e apreender nelas o que o olhar contemporâneo quase perdeu por completo: Uma observação tranqüila, que revela o “invisível” das coisas, o “aquém da imagem” (DELEUZE *apud* PEIXOTO,

p.26). Dessa maneira, a arte tenta expressar o inexprimível, o que só um fotógrafo cego como Bavar pode ver. A arte, então, não podendo dizer o indizível, diz a impossibilidade de dizê-lo, dando “luz” (nome do primeiro capítulo) às paisagens invisíveis das metrópoles. Essas paisagens podem também ser rostos, já que Peixoto nos mostra como as fotografias antigas, através do longo tempo de exposição do modelo, conseguiam revelar aquilo que nunca se percebe diretamente no rosto – o invisível deste, a expressão da interioridade do modelo, sem máscaras ou poses, o que está perdido na maioria das fotografias contemporâneas.

Assim, a arte presta-se à missão árdua de apreender permanência no efêmero, de extrair beleza e eternidade do transitório, em suma, de resgatar o invisível na cidade, aprender a enxergá-la como o fez Baudelaire. É isso que Nelson Brissac Peixoto mostra nessa obra, pois para ele é preciso resgatar a cidade através de suas paisagens.